

MENTALIDADES: Desafio para o Serviço Social e para o Sapato

francano

Denise Gisele Silva Costa – Assistente Social; Especialista em administração de Recursos Humanos; Mestre em Serviço Social.

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Campus de Franca

Este trabalho tem como ponto central a análise da mentalidade dos atores sociais, micro e pequenos empresários do setor produtivo de sapato e uma possível atuação do Serviço Social nesta realidade.

Entendemos ser bastante significativo pensar a respeito destes atores sociais, que representam 90% das indústrias do setor produtivo de sapato de Franca. Pouco se sabe sobre suas peculiaridades, suas características, dos traços constitutivos de sua mentalidade, pois comumente estão sujeitos a análises generalizantes, onde perde-se muito do real.

Estes atores sociais mostram-se como seres híbridos, ex-operários que por força das circunstâncias tornaram-se empresários, mas que permanecem com características muito próximas do operariado e distantes do empresário, enquanto detentor do capital, poder e *status quo*.

O processo de globalização afetou profundamente a dinâmica de acumulação de capital e as formas de organização do trabalho. Porém em alguns setores as mudanças tiveram pouca intensidade. Como por exemplo a indústria de fabricação de sapatos que segundo Barbosa (2006a) neste setor a habilidade manual ainda apresenta elevado grau de importância pois pode significar um acesso para o meio empresarial e a capacidade criativa um aspecto relevante a explicar a emergência de empresários do setor, uma vez que o capital não é fator decisivo para se iniciar um negócio.

Historicamente este empresariado apresenta traços de mentalidade tradicional, baixo nível de cooperação, frágeis relações de confiança no interior da cadeia produtiva, ostentação social e utilização de modelos obsoletos de gestão. No estudo aqui proposto pode-se averiguar que há um processo de alteração –

reconstrução deste perfil, levando-se em consideração que trata-se de um processo lento e progressivo, mas que já apresenta alguns avanços.

As reflexões aqui propostas situam-se tanto na pesquisa qualitativa quanto na quantitativa, com ênfase na qualitativa utilizando-se o método da história oral temática, pois este possibilita que a atividade de pesquisa reúna condições de apreender os aspectos ocultos dos episódios que marcam e/ou marcaram a mentalidade dos sujeitos em questão. Verifica-se nesse método férteis possibilidades em trabalhar com a pluralidade, com o diálogo que não traga em si as nuances já pré-determinadas pelo objeto do pesquisador e da própria pesquisa. Nesse sentido esse método é democrático, pois evidencia “abrir as portas” das pesquisas para os sujeitos ocultos pela história oficial.

Assume-se desta forma uma postura aberta e reflexiva, sendo esta a proposta deste estudo, trazer à tona aspectos novos, um novo olhar sobre esta realidade, tendo o sujeito uma significância extrema, ele enquanto ator social, humano, que apresenta uma gama de particularidades. Sendo assim tentamos evidenciar também os sentimentos, as lágrimas, os risos, os sonhos, as decepções, seu modo de vida muitas vezes simples e provinciano mas carregado de valor, considerado aqui como fator principal do estudo.

Nesta metodologia os entrevistados, são tidos como colaboradores, o cerne de todo o estudo, sendo de extrema importância o respeito na condução de todo o processo, desde o contato inicial até a finalização da coleta de dados. Daí a opção de tratá-los durante todo o percurso deste trabalho como sujeitos colaboradores.

Cabe aqui ressaltar que o critério utilizado para a classificação de porte das empresas é o utilizado pelo Sebrae, sendo o de números de pessoas ocupadas, micro empresa – de 1 a 19 funcionários; pequena empresa – de 20 a 99, sendo este o universo escolhido.

O número de empresas de fabricação de sapato enquadrados neste porte é expressivo sendo 552 micro e 132 pequenas, selecionamos para amostra 4 micro e 4 pequenas empresas, tal número mostra-se viável considerando que trabalharemos com o método da história oral temática que proporciona inúmeros fatores relevantes, uma vez que um número superior seria inviável para a efetivação do que se propõe, uma análise profunda que traga traços de mentalidade. Usamos também como critério de seleção o espaço geográfico da cidade, englobando todas as regiões, a

fim de se comprovar que esta realidade é comum por toda a cidade e não somente em determinadas regiões.

Tal postura em assimilar dados qualitativos e quantitativos é aceito pelo método da história oral temática rompendo assim antinomias.

Para Engler (2006) cabe observar que a controvérsia entre a complementariedade ou a dissociabilidade na realização da abordagem quantitativa e qualitativa continua e, por isso, a tolerância e o pluralismo epistemológico justificam a não utilização de uma única abordagem de pesquisa.

Através dos dados obtidos foi possível verificar que nesta amostra em específico, a maioria das empresas iniciaram suas atividades na década de 1990, este período apresentou acentuada expansão das estruturas fabris de confecção de sapato em todo o pólo.

Década	Número de empresas
1970	1
1980	2
1990	5

Quadro-1 Fundação das empresas
Fonte: Pesquisa empírica.

Quase todas as empresas apresentaram uma significativa evolução em relação a suas estruturas, número de funcionários e de pares produzidos, algumas apresentaram oscilações, que naturalmente acontecem no setor.

Sujeito colaborador	Nº funcionários		Produção / pares	
	início	atual	início	atual
João	2	75	12	600
Paulo	2	18	4	200
Maria	5	80	50	820
Antônio	2	83	10	1000
Carlos	1	3	5	60
Manoel	3	18	30	200
Cida	4	4	70	100
José	2	44	15	400

Quadro -2: Evolução das empresas
Fonte: Pesquisa empírica.

Ressalta-se que o cerne principal deste estudo está nas falas de nossos sujeitos colaboradores, suas experiências de vida e visões de mundo são essenciais para se traçar seu perfil, e a partir daí verificar possibilidades e propor formas de intervenção nesta realidade.

Dentro desta perspectiva de trazer as especificidades, as particularidades, singularidades e expressões de nossos sujeitos colaboradores optou-se por adotar a palavra *sapato* e não *calçados*, da mesma forma setor produtivo de sapato e não setor calçadista, com a intenção de trazer um aspecto mais próximo da realidade vivenciada, um “ar” provinciano, traz a conotação de artesanal, nos remota ao trabalho realizado nas oficinas, nas pequenas estruturas produtivas. O sapato feito com arte, o sapato como um diferencial em suas vidas, com um valor único não necessariamente monetário, mas um valor pessoal, significativo, tendo no ofício de fabricá-lo vários sentidos. Ao contrário, setor calçadista e calçados traz a conotação de grandes empresas, de produção em grande escala, o calçado como mais um produto e não àquele composto por valores pessoais e sentimentais.

Dentre os objetivos propostos tem-se a intenção de compreender as mudanças e implicações no mundo do trabalho. Com a intensificação do processo de globalização a reestruturação produtiva tomou um vulto surpreendente afetando todo o globo. Ressalta-se que apesar de haver um processo de dimensões globais as reações no âmbito local e seus efeitos variam de realidade para realidade.

No capítulo 1, intitulado: “A TRAVESSIA DO SAPATO DE FRANCA”, fizemos um levantamento dos pontos que foram determinantes para o início da fabricação do sapato na cidade de Franca, desde seus primórdios, entendemos que tais fatores influenciaram diretamente a condição atual do setor produtivo de sapato. Recorremos à aspectos históricos que foram de suma importância para uma base conceitual que permitisse o pleno entendimento de tal questão, compreendendo um período desde a formação da cidade, passando pelo início da fabricação de artigos de couro, a incipiente confecção do sapato até o início da manufatura. Seguidamente levantamos aspectos preponderantes para a consolidação do pólo produtivo de sapato, trazendo algumas características de seus pioneiros, que já forjavam uma mentalidade empresarial no meio, evidenciando os avanços e retrocessos neste percurso de maturação da mentalidade. A questão do auxílio governamental que por muito tempo mostrou-se ausente, e o momento em que houve uma reversão desse quadro, no período militar em que os incentivos aos

grandes e médios empresários passaram a ser constantes. Este período mostrou-se extremamente fértil para a consolidação e ampliação do setor, no entanto, no que diz respeito a questão da mentalidade provocou um certo retrocesso, uma vez que ocasionou uma acomodação dos empresários dos setor, que passaram a apresentar traços de dependência à esfera governamental, não utilizando características como autonomia e dinamismo para o seu fortalecimento.

Ao final do governo militar, os incentivos foram suspensos, fazendo com que o empresariado sentisse dificuldades para se manter no mercado. Tal situação agravou-se com a abrupta abertura de mercado e posterior alteração na taxa de câmbio, prejudicando sobremaneira a sobrevivência do setor.

Neste capítulo objetivou-se também suscitar aspectos relevantes para a reflexão e entendimento do processo de intensificação da globalização tendo na reestruturação produtiva um de seus eixos centrais. Para tal, discorreu-se sobre a temática utilizando autores importantes que trouxeram a tona aspectos que possibilitassem olhares diferenciados, contribuindo assim para a ampliação de perspectivas a respeito de tal temática, amplamente difundida.

Importante ressaltar que na década de 1990 se intensifica o processo de reestruturação produtiva do capital no Brasil, este processo vem se efetivando de formas diferenciadas de acordo com o ramo produtivo e a realidade regional, comportando elementos de continuidade e descontinuidade em relação às fases anteriores, marcadamente pela mescla de sistemas de produção que coexistem em um mesmo espaço.

Os reflexos da reestruturação produtiva na estrutura fabril local ao mesmo tempo em que “expulsou” um grande número de trabalhadores das indústrias, também contribuiu para disseminar uma cultura empreendedora entre estes mesmos trabalhadores. Sendo possível graças às reduzidas barreiras impostas pelo setor à entrada de novos estabelecimentos, o “saber fazer” é a chave de transposição da condição operária ao patronato. A dinâmica da reestruturação produtiva, intensificou o trabalho domiciliar mas ao mesmo tempo contribuiu para disseminar o *know-how* de fabricação do sapato por amplas camadas da classe trabalhadora, ao facilitar o acesso à concepção de modelos, design e materiais num ambiente propício ao estabelecimento por conta própria, o “turbilhão da reestruturação” também gerou uma multidão de novos empreendedores, não sendo por acaso que quase dois terços dos empresários surgidos a partir de 1990 tem origem operária.

Todo este contexto incide diretamente na formação de traços de mentalidade que refletem diretamente na realidade vivenciada.

No capítulo 2: A MENTALIDADE DOS “HOMENS-DO-SAPATO”, propusemos uma reflexão acerca da mentalidade dos atores sociais, micro e pequenos empresários do setor produtivo de sapatos de Franca. Para tanto levantamos aspectos conceituais referentes á mentalidade, citando autores que se mostraram relevantes neste tema, tal levantamento teve a intenção de nortear o leitor em relação a esse aspecto considerado fundamental para o entendimento do que se propõe.

Posteriormente realizamos uma análise a partir das falas de nossos sujeitos colaboradores com o intuito de juntamente com a bibliografia específica, inclusive com o uso de reportagens de um jornal local, evidenciar fatores preponderantes para o entendimento da mentalidade tradicional dos atores sociais, e vislumbramos a possibilidade de levantar aspectos que caracterizassem uma alteração no quadro posto. A necessidade de levar em conta fatores específicos da indústria de sapatos francana, o acesso ou não aos mecanismos de amparo disponibilizados pelo Estado, o espaço geográfico onde está inserida e aspectos peculiares de sua formação, mostraram-se elementos essenciais para o entendimento da realidade atual destes atores sociais

Em seguida propusemos a análise do empreendedorismo presente em conceitos comuns, com base na bibliografia consultada, para a identificação de tal fator nas falas analisadas. Sendo possível identificá-lo mesmo que de forma parcial em atitudes comuns no cotidiano daqueles que se propõe a ter uma fábrica de sapato. Diante do exposto foi possível constatamos traços empreendedores como criatividade e superação, mesmo que limitados pelo próprio contexto o qual a realidade está inserida. Sendo assim levantaram termos como artistas e sobreviventes, para caracterizar os empreendedores frente às dificuldades causadas no enfrentamento constante do mercado.

No terceiro e último capítulo : O DESAFIO DAS MENTALIDADES: SERVIÇO SOCIAL E SAPATO FRANCANO, propusemos inicialmente uma análise acerca do processo histórico do Serviço Social objetivando caracterizar fatores relevantes para a construção da mentalidade profissional. Buscamos aspectos preponderantes que se manifestaram no “berço” do que viria a ser o Serviço Social, a forte influência religiosa, em especial do Catolicismo, com foco no assistencialismo enquanto ajuda

aos necessitados, sendo estes percebidos não como sujeitos de direito mas sim “pobres coitados” tais ranços ainda são percebidos na atuação profissional. Tentou-se trazer aspectos primordiais para a evolução da profissão, em especial o movimento de “Reconceituação” e sua colaboração para uma mudança em sua prática e na forma de ver o usuário, deixando de ser apenas um usuário para transformar-se em sujeito.

Tal movimento trouxe modificações de suma importância para o amadurecimento do Serviço Social enquanto profissão interventiva e propositiva. No entanto alguns traços de cunho ideológico foram incorporados de forma radical pelos assistentes sociais, prejudicando a sua prática em determinados campos, em especial àqueles que se colocavam diretamente no embate capital X trabalho, dentre eles a empresa.

Em Franca houve um período em que havia uma prática efetiva em um relevante número de empresas, mas devido há inúmeros fatores este campo foi se extinguindo, atualmente há poucos assistentes sociais atuando nas empresas deste setor.

Dentro dos fatores principais pode-se dizer que o de cunho ideopolítico é o principal deles, causando incompatibilidade de mentalidades entre empresários e profissionais de Serviço Social, inviabilizando assim uma prática efetiva e extensiva em tal realidade.

Realizamos a análise dos principais traços de mentalidade tanto dos atores sociais sujeitos deste estudo quanto do Serviço Social, a fim de vislumbrar alguns fatores que caracterizem determinado grau de evolução e alteração nestas mentalidades objetivando detectar possibilidades de atuação do Serviço Social dentro da realidade em questão.

Sendo assim acreditamos haver possibilidade de efetivação da atuação profissional neste setor em específico trabalhando-se com mais abertura e menos radicalidade.

Considerações Finais (...) construir, desconstruir e reconstruir (...)

Durante a elaboração deste trabalho, nosso objetivo, além de trazer à tona as especificidades de uma realidade ainda pouco estudada, em especial pelo Serviço

Social, foi o de provocar no leitor novos pontos de vista, novas reflexões e indagações sobre a problemática em evidência.

Apresentamos atores sociais, ainda pouco conhecidos, pois muitas vezes de forma generalizada são enquadrados como capitalistas, no sentido de grandes detentores de capital, poder e *status quo*, e de acordo com as falas dos sujeitos pesquisados e nossa análise, é possível encontrarmos pessoas extremamente comuns e simples que lutam pela sua sobrevivência com muita coragem e perseverança, e que através destas características conseguem manter-se e aos inúmeros núcleos familiares que com eles trabalham, lutam, tentam, perseveram. Muitas vezes são operários que oferecem trabalho a outros operários, um ser naturalmente “híbrido”.

Desta forma redirecionamos o *fazer ciência* por considerar que a história oficial sempre esteve voltada aos grandes feitos dos grandes homens, nós aqui nos detemos em mostrar os grandes feitos de homens simples, homens-do-sapato. Dando voz e vez àqueles que pouco aparecem, mas que muito fazem.

A dinâmica da reestruturação produtiva, contribuiu nesta realidade em específico em disseminar o *know-how* de fabricação do sapato por amplas camadas da classe trabalhadora, ao facilitar o acesso à concepção de modelos, design e materiais num ambiente propício ao estabelecimento por conta própria, o “turbilhão da reestruturação” também gerou uma multidão de novos empreendedores, não sendo por acaso que quase dois terços dos empresários surgidos a partir de 1990 tem origem operária.

Entre as singularidades do setor, a reestruturação produtiva não causou sobremaneira a expansão do trabalho intelectual e a redução e desvalorização do trabalho manual, pois este último ainda é fator fundamental não apenas na dinâmica da produção, mas também como elemento de ligação para a formação de inúmeras trajetórias empresariais.

As micro e pequenas empresas do setor produtivo de sapato de Franca, apresentam uma acentuada relevância no que concerne a geração de empregos, sendo as microempresas responsáveis por 78,5% dos empregos, é improvável que tal situação provoque saudades de um retorno à linha de produção, sendo assim prima-se por políticas públicas de amparo ao micro e pequeno industrial, fornecendo-lhe informação e capacitação para que se mantenham no mercado. Havendo a necessidade de uma solução de caráter público e não privado.

Evidentemente que os pequenos empreendedores não pretendem retornar aos seus antigos empregos mas sim continuar seus negócios em condições adequadas. É possível constatar que o perfil deste empresariado nada tem haver com o perfil predominante do empresário no cenário do capitalismo atual.

O estudo aqui proposto visa à compreensão de um ator social híbrido, cujas características e hábitos da condição operária permanecem, coexistindo com a nova condição de empresário, a compreensão desta realidade torna-se um importante instrumento para a elaboração de políticas públicas que venham ao seu auxílio, procurando assim colaborar com o desenvolvimento de todo o parque industrial, em especial dos micro e pequenos empresários do setor produtivo de sapatos de Franca, refletindo diretamente na questão social de toda cidade de Franca.

A decisão de se montar uma fábrica de sapato já se caracteriza como um traço empreendedor, segundo o entendimento de nossos sujeitos colaboradores, pois apresenta uma postura aberta à riscos, alguns possuem um grau de planejamento mais aguçado do que outros, mas o fato de se colocar em risco o único recurso existente já é um diferencial. Diferente daquele que se mostra extremamente dependente da segurança que um emprego convencional muitas vezes oferece, mesmo com falta de perspectivas de crescimento pessoal/profissional e um salário insatisfatório preferem isso a se arriscar, e o fato de se ter uma formação intelectual superior não determina em nada o grau de empreendedorismo, ao contrário o inibe.

É possível verificarmos que o empresariado do sapato de Franca vem sofrendo uma alteração em sua mentalidade, traços extremamente fortes como a ostentação que por exemplos recentes tem-se mostrado fatal à sobrevivência das empresas inclusive as maiores e a acomodação dos empreendedores do setor estão gradativamente dando lugar a um novo personagem que assume um caráter pró-ativo, enfrentando várias situações inusitadas que quando superadas são tidas como exemplo para todo o setor. Outro traço de mentalidade relevante, a falta de união e confiança também vêm apresentando uma determinada alteração, percebe-se que há frágeis níveis de cooperação mais ao mesmo tempo tem-se a consciência de que a reversão desse quadro beneficiará o coletivo, sendo assim há a possibilidade de uma mudança de postura, mudança esta que se bem trabalhada em políticas públicas específicas beneficiará de forma extremamente positiva todo o setor e a cidade.

A consciência da real situação do setor produtivo de sapato, que é uma indústria tida como pobre e periférica proporciona um maior senso de realidade, provocando nos atores sociais a necessidade de fazer alterações na maneira de como administram suas empresas, em suas posturas enquanto empreendedores, evitando gastos desnecessários e dando maior importância ao planejamento de suas atividades.

Constatamos através da pesquisa empírica que os atores sociais, nossos sujeitos colaboradores apresentam características pouco comuns, realmente como um ser híbrido, um ser em construção. São todos ex-operários de fábricas de sapato, que por força das circunstâncias e com uma dose de empreendedorismo montaram suas fábricas, em sua grande maioria sem o devido respaldo financeiro e mesmo capacidade administrativa, mas possuíam o “saber-fazer” sabiam fazer sapato.

Ao analisarmos alguns traços da mentalidade por eles apresentada, identificamos que existem várias características em mutação, estão sofrendo os efeitos de toda uma construção de mentalidade que se forma há décadas, e sentindo as ressonâncias do momento presente, da realidade atual. Sendo assim pode-se afirmar que estão se reconstruindo, apresentam-se mais equilibrados em relação à gestão de suas empresas e entendem que necessitam de melhorar, percebem que o setor produtivo de sapato é periférico e suscetível a vários problemas; apresentam um grau de união extremamente baixo mas identificam a necessidade de mudar tal quadro, a necessidade do associativismo é premente para a sobrevivência do setor; identificam fatores que lhes compete e àqueles que dependem da esfera governamental; consideram-se empreendedores, pois entendem que o fato de apresentarem determinação o suficiente para estarem com suas empresas há tempos no mercado, produzindo, gerando emprego e renda é um diferencial.

Apresentam uma consciência social simples, não vêem há necessidade de muitos métodos ou técnicas para atender seu funcionário naquilo que necessitam. A proximidade entre empresário e operário é grande, havendo total liberdade de em caso de necessidade fazer a solicitação diretamente, o que facilita no atendimento. O empresário presta a assistência de acordo com suas possibilidades e convicções.

Enfim, foi possível encontrar empreendedores que sobrevivem às adversidades e artistas que utilizam devidamente seu potencial criativo com as mais

variadas características e qualidades que se bem trabalhadas e devidamente estimuladas terão um reflexo extraordinário na efetiva alteração da mentalidade dos “homens-do-sapato” fazendo desses atores sociais sujeitos de uma nova história da produção do sapato em Franca.

Em relação ao Serviço Social estes atores sociais, pouco o conhecem, e o que sabem é de maneira extremamente superficial, desta forma não cogitam a idéia de terem este profissional trabalhando em sua empresa. Isto se dá também pelo fato de geralmente não empregarem profissionais com maior graduação acadêmica em suas empresas considerando que são detentores de um salário maior o qual a empresa não teria condições de pagá-lo.

A realidade em questão apresenta suas especificidades, diferente daquela mais difundida, da atuação do Serviço Social em grandes empresas, o universo de pesquisa é formado por micro e pequenas empresas, não ultrapassando a 99 funcionários, estruturas pequenas onde a proximidade entre empresário e operário é evidente. Quando questionados sobre a implantação do Serviço Social em suas empresas, foram claros em demonstrar que a estrutura apresentada não comporta este profissional por questões financeiras e operacionais, também demonstraram que possuem consciência social, fazem o que está ao seu alcance para proporcionar uma melhor qualidade de vida àqueles com quem trabalham, cada um a sua maneira e de acordo com as suas possibilidades.

Ao analisarmos o Serviço Social e sua atuação no setor produtivo de sapato, constatamos que houve um *boom* na década de 1980 em relação ao número de empresas que empregavam assistentes sociais neste período, chegando a 21 profissionais, já no início da década de 1990 houve uma drástica redução nesse quadro e atualmente apenas 3 assistentes sociais trabalham no setor. Chamamos a atenção ao fato de que estes números são referentes a empresas de médio e grande porte, não havendo atuação deste profissional nas micro e pequenas empresas.

Inúmeros foram os fatores que determinaram tal redução entre eles aspectos econômicos com redução do quadro funcional em especial na área de Recursos Humanos, incompatibilidade de metas entre assistentes sociais e empregadores; rígida postura ideológica do assistente social chegando muitas vezes ao radicalismo; mentalidade tradicional do empresariado entre outros.

Quanto à postura do assistente social neste âmbito, Yamamoto (2003) afirma que o profissional de Serviço Social dispõe de um Código de Ética e é regulamentado como um profissional liberal, mas não possui esta tradição na sociedade brasileira. Talvez seja o momento de efetivar esta condição, ser um profissional liberal, um profissional capaz de prestar serviços de forma competente que atinja as expectativas tanto de quem o contrata como àquele que se beneficia da sua ação – o usuário.

É tempo de repensar, de galgar novos caminhos profissionais, de adquirir novas posturas, de apresentar novos traços de mentalidade, pois iniciando um processo de mudança de mentalidade dentro do Serviço Social e entendendo as alterações já ocorridas e as ainda em curso na mentalidade de nossos sujeitos colaboradores é possível uma prática mais completa e real.

Há a necessidade de entender e agir de acordo com o presente, o tempo presente, a realidade presente, para isso é preciso superação, entender o movimento, nada é estático assim a ação também não deve ser.

É notório que não há estrutura financeira e técnica para o micro e pequeno empresário contratar em período integral e de forma convencional um profissional de Serviço Social na sua empresa. Sendo assim a situação pede um prestador de serviços e não um funcionário formalmente contratado com carga horária integral e tudo mais que se conhece de um pleno emprego.

A possibilidade de se prestar consultoria a este universo em específico deve ser estudada com muita responsabilidade e empenho, há várias formas de fazê-lo, seja individualmente às empresas, seja com a formação de consórcios ou grupos que tenham um objetivo em comum e a partir daí estabelecer metas e planos a serem efetivados, seja com prestação de serviços à órgãos representativos da classe onde a atuação do profissional possa atender a todos os associados.

Objetivamos apresentar uma postura reflexiva e aberta, buscando metodologias que nos apresentem o humano enquanto humano, com seus risos, lágrimas, angústias, conquistas, defeitos e qualidades, enfim com toda gama de emoções que o homem, ser social apresenta. E o fazemos de forma natural, sem considerá-los “deuses” mas homens comuns que lutam pela vida, uma vida melhor a cada dia, como todos os homens.

Além disso, nosso objetivo foi o de nos apropriarmos do provisório e não do perpétuo, do definitivo, visto que o conhecimento é um processo em constante

evolução e assim toma várias formas, configurações, dimensões e cores. Tal conhecimento é sempre limitado porém dotado de possibilidades.

De acordo com Campanhol (2000, p.287) “o trabalho é limitado pelo meu presente, outros olhares e o distanciamento histórico, certamente farão surgir outras faces da realidade. Construir e reconstruir é mister do homem e, a história só termina com a morte do último homem”.

Este conhecimento, este fazer constante, também se apresenta no global e no local, com suas generalidades e singularidades, de maneiras diversas, em diferentes proporções, com diferentes impactos, devendo ser levados em consideração.

É através de propostas que se evolui, se desenvolve, deslumbra-se uma nova realidade, assim também deve ser o Serviço Social, propor para crescer, avançar. Este é o desafio das mentalidades, percebê-las em evolução, alteração, um constante refazer-se. A mentalidade tradicional dos homens-do-sapato não comporta um profissional de Serviço Social com traços de mentalidade extremamente arraigados em ideologias e ortodoxias, tendo como agravante que tal situação mostra-se com alto grau de reciprocidade. Há de se compreender através do estudo aqui proposto que ambas mentalidades mostram-se em movimento aportando traços contundentes de alteração, é necessário entender isto, e a partir daí novas possibilidades se abrirão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006

ARIÉS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques (Org.) **A história nova: sob nova direção**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARBOSA, Agnaldo Sousa ; MENDES, Alexandre; BRAGA FILHO, Hélio. Verso e reverso da reestruturação produtiva: expressões da precarização do ambiente fabril na indústria do calçado de Franca-SP. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL CÁTEDRA, 2., 2005, São Leopoldo. **Anais...** . São Leopoldo: UNESCO; UNISINOS, 2005. p.1-5.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Empresariado fabril e desenvolvimento econômico**: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado. São Paulo: Hucitec : FAPESP, 2006.b.

_____. Levantados do chão: trajetórias profissionais e experiências de classe do empresariado do calçado no contexto da reestruturação econômica das últimas décadas. In: WORKSHOP EMPRESA, EMPRESÁRIOS E SOCIEDADE, 5., 2006, Porto Alegre. **Anais...** . Porto Alegre:PUC/RS, 2006a.

_____. Reflexos da reestruturação produtiva no tecido empresarial da indústria calçadista. In:ENCONTRO DE PESQUISADORES DO UNI-FACEF, 8., 2007, Franca. **Anais ...** . Franca:Uni-Facef,2007.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. Por uma agência municipal de desenvolvimento. **Comércio da Franca**, Franca, 4 out. 2007.

BRAGA FILHO, Hélio. **Globalização em Franca**: a reorganização industrial e economia informal. 2000. 267f. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Franca, Franca, 2000.

CAMPANHOL, Edna Maria. **As reações socioeconômicas em Franca em face do processo de globalização**. 2000. 308f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Faculdade de História, Direito e Serviço Social ,Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2000.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Atlas, 1995.

CHIACHIRI FILHO, José. **Vila Franca do Imperador**: subsídios para a história de uma cidade. **Franca**: O aviso da Franca, 1967.

_____. **Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. 1973. 244f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1973.

Comércio da Franca. Franca. Disponível em: <<http://www.comerciodafranca.com.br>> Acesso em: nov/2006 – jul/2007.

COSTA, Achyles Barcelos da. **Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil**: impactos das zonas de livre comércio. Cadeia: couro calçados/Nota técnica final. Campinas: Unicamp-IP-Neit/MDIC/MCT/Finep,2002.Mimeo.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEMO, Pedro. **Complexidade e aprendizagem**: a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002.

DUPAS, Gilberto. A lógica econômica global e a revisão do Welfare State: a urgência de um novo pacto. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.12,n.33, p.171-183, 1998.

ENGLER, Helen Barbosa Raiz. **Serviço Social de empresa: um instrumento à serviço da filosofia empresarial?**1995. 105 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1995.

_____. Pesquisa Quantitativa: um aporte a apreensão da extensão da realidade investigada. In: BERTANI, Íris Fenner. **Relatório da saúde**. relatório QUAVISSS. Franca.Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2006, v.1, p 23-36.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Metodologia e ideologia do trabalho social**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERNANDES, Reynaldo (Org.). **O Trabalho no Brasil limiar do século XXI**. São Paulo: LTR, 1995.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

IANNI, Octávio. **A cidade global**. Rio de Janeiro: Cultura Vozes. 1994

_____. **Teorias da globalização**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. **A era do globalismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetivos**. Tradução Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976

LE GOFF, Jacques(Org.). **A história nova: sob nova direção**; Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social: identidade e alienação**.São Paulo: Cortez, 1989.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. L.1. v. 1.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MELLO, Paulo César Rodrigues de. **Cultura e comportamento do pequeno empresariado da indústria calçadista de Franca**. 2004. 180f. Dissertação

(Mestrado em Administração), Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Franca, Franca, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORROW, Raymond; TORRES, Carlos Alberto. Estado, Globalização e Políticas Educacionais. In: BURBULES, Nicholas; TORRES, Carlos Alberto (Org.). **Globalização e educação: perspectivas críticas**. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004. p. 27-44.

NAVARRO, Vera Lúcia. **Trabalho e trabalhadores do calçado: A indústria calçadista de Franca (SP): das origens artesanais a reestruturação produtiva**. São Paulo: Expressão Popular, 2006b.

_____. A indústria de calçados no turbilhão da reestruturação. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006a. p. 387-424.

OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado: transformações contemporâneas do trabalho e da política**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIZZO, Ana Luisa Vilhena. **A mentalidade do empresário calçadista francano: existe espaço para o Serviço Social?** 1999. 162f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 1999.

POCHMANN, Márcio. Desemprego do Brasil. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 59-76.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**; tradução Maria Sílvia Possas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. A instabilidade do capitalismo. In: CARNERIO, Ricardo (Org.). **Os clássicos da economia**. São Paulo: Ática, 1997.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria Brasileira: origem e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. História Oral e Educação: virtualidades, impregnações, ressonâncias. In: ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; Junqueira, Sérgio R. A. (Org.). **Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente**. Curitiba: Champagnat, 2004.